

**“REFORMA AGRÁRIA FEITA NA CAMA E NÃO NA TERRA”: REPARTIÇÃO  
NATURAL ENTRE OS DESCENDENTES – FAZENDA CAMPO ALEGRE/  
ALDEINHA/RONDONÓPOLIS – MT**

**Leida Maria de Souza Lima – DEGEO/UFMT/Rondonópolis**  
lmslima @ Hotmail.com

**Iraci Gomes de Vasconcelos Palheta (Orientadora) – DEGEO/FFLCH/USP**

O referido artigo é fruto, ou seja, é embrião do projeto de pesquisa: *Criação e Recriação do Campesinato em Rondonópolis-MT*, que está sendo desenvolvido para a obtenção do título de doutora em Ciências na Área de Geografia Humana, pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, realizado pelo Dep. Geografia da FFLECH/USP, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Iraci Gomes de Vasconcelos Palheta.

Trata-se de um estudo em área de repartição em Rondonópolis-MT, região conhecida como Aldeinha na Fazenda Campo Alegre (1.345 hectares, dividida entre os dez filhos do senhor Ildfonso Bernadino de Oliveira/falecido e dona Leonilla).

Infelizmente não dispomos de bibliografia específica sobre a questão da “repartição natural entre os descendentes”, terminologia vista por nós em 1998, na obra de Aline Figueiredo – A Propósito do Boi (1994/EDUFMT), durante o período em que escrevíamos a fundamentação teórica de nossa pesquisa de mestrado.

Como estávamos trabalhando com produção camponesa, modernização da agricultura e reforma agrária, este fato chamou-nos a atenção e a partir daí, surgiu a curiosidade em pesquisar e escrever a respeito desse tipo de repartição, dessa reforma agrária, ocorrida em algumas propriedades no município de Rondonópolis e acreditamos que em várias partes do país.

Como não dispomos de embasamento teórico suficiente para efetuarmos uma análise profunda e completa, objetivamos verificar apenas uma área, para sabermos como se deu e se dá esse processo de “reforma agrária feita na cama e não na terra”<sup>1</sup>.

A pesquisa tem como objetivo avaliar o processo de repartição, ou seja, como se deu a divisão entre os herdeiros da Fazenda Campo Alegre, resgatando sua história, forma de organização e produção no tempo e espaço, enfatizando seus traços marcantes, detalhando sua dinâmica produtiva e a qualidade de vida das famílias, salientando as semelhanças e diferenças entre seus modos de vida, caso haja.

Esta é uma das formas em que o camponês está podendo se (re) criar no campo brasileiro, que mesmo com o avanço e o desenvolvimento do capitalismo no campo, com o progresso e modernização da agricultura, o camponês familiar consegue viver e se

---

<sup>1</sup> Provérbio empregado pelo senhor Ildfonso/Fazenda Campo Alegre, quando lhe perguntavam sobre Reforma Agrária.

reproduzir com dignidade, acabando assim com o mito de que o mesmo é uma classe fadada ao desaparecimento.

Acreditamos ser este um modelo de desenvolvimento capitalista na agricultura, cuja característica dominante é realizada mediante o crescimento de unidades camponesas de produção familiar, no contexto de uma estrutura agrária na qual predomina a existência da exploração de dimensões latifundiárias, caso freqüente e bastante conhecido não só no Brasil, mas praticamente em toda América Latina.

Pode-se dizer que este tipo de reforma agrária ocorre devido ao processo de fragmentação da propriedade pelo seu titular, a fim de transformar os filhos em proprietários rurais, onde os mesmos possam ter seu pedaço de terra e viver dignamente com sua família. O grande desafio desses agricultores consiste em garantir um espaço aos herdeiros, um lugar de trabalho onde, com essa transmissão de patrimônio os filhos são introduzidos não só ao mundo do trabalho, mas também à sucessão de exploração da terra (para trabalho, produção e não especulação), pois na maioria das vezes, os pais têm consciência e a preocupação em relação às dificuldades e aos poucos rendimentos profissionais da cidade. Ou, como disse Moura (1986: 25) “... é nas práticas de herança que o camponês aciona para dar continuidade ao uso social da terra que habita e trabalha e à própria organização da vida”.

Refletindo sobre o assunto podemos dizer que a idéia errônea que tínhamos de que o camponês era uma classe em extinção, desapareceu por completo. Estamos cientes de que hoje, além de se recriar, quer via assentamento ou pela repartição natural entre os descendentes, está cada vez mais fortalecida.

Metodologicamente, amparamo-nos em fatos concretos que fundamentam nossos objetivos e, embasam as investigações que estão sendo realizadas através da observação direta intensiva. Segundo Andrade (1995:26), “... na vida real – os fatos são observados ‘em campo’, no ambiente natural onde ocorrem”. Os detalhes serão abordados no trabalho completo, que será entregue no ato da apresentação deste.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRADE, Maria M. de. Introdução à Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Atlas, 1995.

FIGUEIREDO, Aline. A Propósito do Boi. Cuiabá-MT: EDUFMT, 1994.

LIMA, Leida M. de S. A Produção Camponesa e a Modernização da Agricultura em Rondonópolis-MT – Estudo em Áreas de Assentamento de Reforma Agrária: Gleba Cascata e Projeto de Assentamento Chico Mendes/Vale do Bacuri. São Paulo: USP, 2000. Dissertação de Mestrado.

MOURA, Margarida Maria. Camponeses. São Paulo: Ática, 1986, n. 52.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Agricultura Camponesa no Brasil. São Paulo: Contexto, 1991.

PALHETA, Iraci G. de V. O Novo Brasil Agrário Moderno e... do Atraso. In: Boletim Paulista de Geografia. Nº 77, São Paulo-SP, abril de 2001.